

AQUISIÇÃO DIALÓGICA DA LINGUAGEM: PALAVRA BAKHTIANA

Diego Pinto de SOUSA (UFMT – MeEL)¹

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Simone de Jesus PADILHA (UFMT – MeEL)

Resumo: O atributo de mistério pode ser atrelado com segurança, mesmo em terreno acadêmico, ao fenômeno da linguagem verbal. O processo de Aquisição de linguagem configura-se como um lugar de semelhante inquietação. Visto que toda a manifestação de perscrutar a linguagem implica em concepções fundamentadas de sujeito, unidade de linguagem e a própria linguagem é possível repensar a região teórica da Aquisição da linguagem que desde meados do século XX articula-se autonomamente. Pretende-se realizá-lo sob o prisma bakhtiniano que implementa especificidades que lhe outorgam singularidade para entender a linguagem e repensar o processo de Aquisição.

Palavras-chave: Aquisição de Linguagem. Filosofia bakhtiniana da linguagem. Dialogismo.

1- Considerações Iniciais

“Os sujeitos não “adquirem” sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência.”(BAKHTIN, 2006)

O fenômeno da linguagem verbal configura-se como uma das mais inquietantes estâncias do conhecimento. Percebe-se, nos estudos de linguagem, desde as primeiras produções, direta ou indiretamente, a pretensão em instaurar conceituações acerca de sua definição, natureza, unidade, bem como os processos de aquisição e desenvolvimento. Os últimos exercem papel de vanguarda nessa pesquisa que – sob o prisma ofertado pela filosofia bakhtiniana da linguagem – pretende promover uma justificativa dialógica sobre o processo de aquisição da linguagem verbal. A área de Aquisição de Linguagem está engendrada nas ciências da cognição (SCARPA, 2006) e, portanto, forja sua autonomia em múltiplas relações com ciências que tocam e compartilham semelhantes questões, como é o caso da neurolinguística, psicolinguística e biolinguística.

De fato Mikhail Bakhtin não versa, abertamente, acerca do processo de aquisição da linguagem verbal. Suas reflexões dum fenômeno da linguagem sócio-historicamente constituído, inclusive em seu viés literário, permitem, no entanto, erigir a possibilidade de tangenciar sua palavra com outras palavras, palavras alheias, contrárias, camaradas. De sorte que são as brechas teóricas (como o Período Crítico e a discussão entre o inato e o adquirido)

¹ Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT-MeEL), Cuiabá-MT, Brasil, correio eletrônico: diegopsousa@hotmail.com.

e possíveis parolas com as vertentes e pensadores como Chomsky – Lacan – Vygotsky, os lugares de encontro entre o filósofo russo e a área de Aquisição de Linguagem. Constatase que para além de coadunar-se e/ou contrapor-se frente às bases epistemológicas da psicogênese (Empirismo – Racionalismo – Construtivismo – Interacionismo) a palavra bakhtiniana interventivamente adentra o Interacionismo subvertendo-o com seus conceitos de dialogismo, enunciado-concreto, exotopia, ideologia, e, da mesma maneira, suas premissas acerca do sujeito e natureza da linguagem, produzindo nova ótica sob o processo de aquisição: um Interacionismo dialógico, num primeiro instante: “[...] o organismo e o mundo encontram-se no signo.” (BAKHTIN, 2006, p. 48).

Em três pontos básicos concebe-se a relevância da pesquisa: A ainda incipiente participação de estudiosos bakhtinianos na área de Aquisição da Linguagem; o empreendimento de conceitos bakhtinianos para uma área ainda pouco visitada por estudiosos dessa inscrição teórica promove uma releitura refratária dos mesmos conceitos. Enxerta-se a isso a questão de que apesar da existência de manifestações de pesquisa que coadunam conceitos da obra de Mikhail Bakhtin à pesquisa acerca da Aquisição de Linguagem ainda não se observa uma palavra, eminentemente, bakhtiniana sobre o tema. Ademais, debruçar-se sobre a natureza da linguagem é encontrar caminhos para compreensão do próprio homem. Em caminhada, é pertinente salientar, tem se mantido este trabalho e que as hipóteses e impressões aqui elencadas estão sendo estabelecidas numa jornada profícua e, por vezes, instável; tendo um predicado irrevogável de uma legítima pesquisa em ciências humanas: o inacabamento.

2 - Aquisição de Linguagem: Histórico e Vertentes

Como adquirimos a capacidade de significar, representar a realidade, forjar mundos? Eis um dos desafios perpétuos dos estudos relacionados à linguagem. Atribuir o qualificativo de mistério não fere os postulados de cientificidade presentes na Linguística contemporânea. Em verdade, as conquistas das pesquisas sobre linguagem asseguram a assertiva de que o homem é tão da linguagem quanto esta o é do homem. Nesta seção objetivamos apresentar vertentes de relevo para os estudos de Aquisição de Linguagem estabelecidos no século XX em que, precisamente, essa área do conhecimento adquiri identidade e autonomia.

Se considerarmos, o afã humano de desvelar a linguagem e entender sua natureza, não encontraremos dificuldade em perceber que, em verdade, direta ou indiretamente, houve um desejo sempre presente de compreender a realidade do sujeito falante que ultrapassaria

cronologicamente o referido século. Formalmente, no entanto, os estudos de Aquisição de Linguagem remontam ao século XIX, tais pesquisas fundamentavam-se em descrições paulatinas das conquistas verbais obtidas nos primeiros anos de vida do infante ou em casos reconhecidos de crianças selvagens. Outra prática que a partir do séc. XX fora implementada com mais intensidade fora as *pesquisas transversais* que sob as impressões empiristas analisavam o desenvolvimento das manifestações verbais num número maior de sujeitos por meio das reiterabilidades enunciativas passíveis de experimentação. De forma que Ingram (1989)

[...] divide os períodos de estudos sobre a aquisição da linguagem em três grandes momentos: o período dos estudos de diário (1876-1926), o período dos estudos com amostras amplas (1926-1957) e o período atual, de estudos longitudinais (a partir de 1957). (apud QUADROS, 2008)

Pode se assegurar que a incipiente área em meados do séc. XX desenvolveu-se amplamente, sobretudo pela força teórica da Gramática Gerativo-Transformacional chomskyana, de tal forma que a região epistemológica das ciências da cognição da qual é tributária, atualmente se repensa e reconstrói frente ao vigor e avanços da Aquisição de Linguagem. Sobre isso Quadros ajuíza:

[...] um aspecto importante e, ao mesmo tempo, desafiador dos estudos que investigam o desenvolvimento linguístico da criança é que não existe uma teoria ou abordagem única que seja capaz de fornecer explicações consistentes para todos os aspectos do seu desenvolvimento linguístico. Ao contrário, várias são as perspectivas teóricas adotadas que contribuem, em alguma medida, para uma melhor compreensão de como se dá esse impressionante processo. (2008, p. 12)

No que concerne à língua materna poderíamos, num primeiro momento, elencar as manifestações teóricas mais afetadoras para a compreensão da dinâmica de aquisição: o impacto *behaviorista*, Chomsky e sua *Gramática Universal*, o *construtivismo* piagetiano e o *interacionismo* oriundo de Vygotsky. B.F. Skinner lança mão de uma psicogênese apercebida no ideário de *estímulo-reforço-resposta*. Conforme asserta Watson: “A Psicologia, tal como o behaviorista a vê, é um ramo puramente objetivo e experimental da ciência natural. A sua finalidade teórica é a previsão e o controle do comportamento.” (1953, p. 158). O behaviorismo emparelha o fenômeno da linguagem a qualquer outro domínio do

comportamento humano. Sob a égide de que além do comportamento exterior não há região da psique ou mente passíveis de estudo e descrição estabelece-se a premissa de que o indivíduo acessa e assume aprendizados por meio de estímulos e reforços erigidos por *companheiros de espécie* maturados. A linguagem verbal seria, para o comportamentalismo, correlata às outras formas de conhecimento e apreendida, conseqüentemente, via estímulo exterior. Se no comportamentalismo radical verifica-se o primado do exterior, na revolucionária resenha (1959) *Verbal Behaviour* de Noam Chomsky o pêndulo é direcionado para o lado contrário, a linguagem verbal seria uma manifestação genética com morada em região específica no cérebro. Os fatores exteriores presentes na vida da criança teriam apenas a propriedade de ativar seu criativo interior: um *dispositivo de aquisição de linguagem* de natureza sintática. “A aquisição da linguagem é um processo que apresenta padrões universais que são acessados a partir do ambiente [...] determinada por princípios linguísticos inatos” (CHOMSKY, 1988 apud QUADROS, 2008, p. 59). As ideias de Piaget encontrar-se-iam, pretensamente, num intermédio entre os radicalismos entre exterior (adquirido) e interior (inato). Ao estabelecer 4 estágios básicos para psicogênese do indivíduo vê nos conceitos de *assimilação e acomodação* ferramentas para dirimir as relações estabelecidas entre o sujeito, organismo e conhecimento (QUADROS, p. 84). De base materialista Lev S. Vygotsky apresenta-se com uma perspectiva peculiar em relação aos demais. Os fatores socioculturais, para o russo, são tão relevantes que seriam determinantes no desenvolvimento cognitivo, afirmando, por exemplo, que em determinado estágio o próprio material do pensamento seria semiótico, este reconhecidamente calcado no exterior. O alteritário é tão imprescindível que apenas este pode, durante o desenvolvimento da criança, alçar-lhe o conhecimento que possui (*Real*) e o conhecimento que pode obter (potencial) desempenhando assim papel de intermediação. “É no significado da palavra que o pensamento e a fala se unem em pensamento verbal. É no significado, então, que podemos encontrar as respostas às nossas questões sobre a relação entre o pensamento e a fala”. (VYGOTSKY, 1991, p. 5).

3- Palavra bakhtiniana

Uma observação interessante e necessária a ser instaurada sobre o percurso realizado até aqui é a de que as diversificadas perspectivas de estudos da linguagem inseridas e correspondentes a seu tempo cultural-ideológico compartilham de um predicado comum: a desarticulação identitária da linguagem verbal. Se é notória a distância existente entre os silabários sumérios e a força comparativa entre gramáticas no século XIX, não é, por sua vez, menos evidente a valoração da estrutura em detrimento das enunciações vivas do falante.

Afirmamos ser uma desarticulação tendo em vista que a natureza da linguagem verbal transcende os aspectos estruturais, como bem afirma o filósofo russo: “A indefinição terminológica e a confusão em um ponto metodológico central no pensamento linguístico são o resultado do desconhecimento da real unidade da comunicação discursiva – o enunciado.” (BAKHTIN, 2010, p. 274). A justificativa para referida desarticulação, inferimos, está num desafio de relevo e eterna presença nas ciências humanas: problematizar um fenômeno presente constituinte/constituído do humano; ademais a influência analítica da razão (construída) contamina os objetos de estudo com a premente carência de qualificar e assimilar os fatos observados. De fato, palatável e ajuizado fora descrever a parte mais estável e reiterada da língua, pois ao considerar os elementos extraverbais como o dialogismo e o ideológico presentes nas enunciações produzidas na cadeia comunicativa adentramos não apenas em terreno fértil, mas indecoroso e vário, que tem na multiplicidade uma condição e não uma possibilidade.

Nesse sentido, é seguro ponderar o papel rearticulatório de Mikhail Bakhtin e o Círculo no que concerne a uma leitura mais acurada do fenômeno verbal. Se desde a antiguidade clássica até a incorporação dos estudos de linguagem num regime cientificista, por meio da obra póstuma de Ferdinand de Saussure (1865-1913), a linguagem havia sido relegada a uma pseudointeireza que jamais abarcava sua natureza dialógica e sua identidade ideológico-responsiva, na obra do Círculo e de Bakhtin a Linguagem é entronizada em sua legítima morada: as praças, a vida, a boca do enunciador.

Como percebido, as manifestações de pesquisa em Aquisição de Linguagem fundamentam-se numa esteira epistemológica vária e específica ao mesmo tempo, implicando em concepções definidas sobre Linguagem – Unidade da linguagem e Sujeito falante. Assim, Bakhtin promove um lugar distintamente importante a fim de repensar o fenômeno verbal e, conseqüentemente, a aquisição – desenvolvimento – aprendizagem de linguagem, afinal dirimir a natureza do sentido é assimilar, ao menos dedutivamente, o modo de ser de sua utilização e de *Quem* o utiliza.

Del Ré, Hilário e Vieira afirmam sobre a pesquisa aquisicionista com recursos bakhtinianos em solo nacional:

A utilização da teoria bakhtiniana para explicar as produções orais infantis no Brasil é bastante recente, com poucos trabalhos sobre o tema, como os de De Lemos (1994) e Komesu (2002), em que as autoras trazem algumas reflexões de Bakhtin para o campo da aquisição do oral. Há alguns outros

trabalhos que podem ser encontrados, porém não com o viés e as noções aplicadas em nossas pesquisas. (2012, p. 59).

Corroboramos com a autoras em dois pontos: as pesquisas ainda são escassas e a filosofia bakhtiniana tem muito a contribuir. A percepção do exercício de *sentido* como um ato: acontecimento irreiterável via elementos reiteráveis por sujeitos alteritariamente constituídos instaura não apenas uma filosofia ou epistemologia diferente, mas uma visão também singular acerca da linguagem verbal e o *despertar da consciência do sujeito para o mundo semiótico*. Linguagem valorada concebida e exercida por sujeitos valorados... O inacabamento enquanto condição para o significar asseverando um compromisso com o fenômeno verbal legítimo da vida, não idealizado-desarticulado. Esses e outros apontamentos inscritos na teoria bakhtiniana firmam a possibilidade de nova percepção da Aquisição da Linguagem.

4 - Referências

AZENHA, Maria. *O Lugar do Outro nas Teorias sobre a Aquisição da Linguagem*. Disponível em: <www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/download/.../1354> Acesso em: 20 Mar. 2012.

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: wmf Martins Fontes, 2010.

_____. ; VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. *O Freudismo*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BRUNER, J. *Atos de Significação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.

CHOMSKY, N. *Linguística Cartesiana: um capítulo da história do pensamento racionalista*. Tradução de Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EdUSP, 1972.

DEL RÉ, Alessandra. *Do Riso à Produção de Enunciados Humorísticos: Implicações Pragmáticas e Discursivas*. Revista da ABRALIN, v. Eletrônico, n. Especial, p. 95-121. 2ª parte 2011.

_____. et al. Subjetividade, individualidade e singularidade na criança: um sujeito que se constitui socialmente. *Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso*. vol.7 no.2 São Paulo July/Dec. 2012

GOLDGRUB, Franklin W. *A máquina do fantasma: aquisição de linguagem & constituição do sujeito*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2001.

HILÁRIO, Rosângela Nogarini. *Contribuições de Bakhtin para os Estudos em Aquisição de Linguagem*. In: SEMINÁRIO DO GEL, 58. 2010, *Programação...* São Carlos (SP): GEL, 2010. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/?resumo=6542-10>>. Acesso em: 19. Out. 2011.

JOBIM E SOUZA, S. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas: Papirus, 1994.

KOMESU, Diálogo e Dialogismo na Aquisição de Linguagem. *Revista Alfa*, São Paulo: V.46, 2002 p. 55-70.

LEMOS, C.G.T. de. *Das Vicissitudes Da Fala Da Criança E De Sua Investigação*. Cad.Est.Ling., Campinas, (42): 41-69, Jan./Jun. 2002.

LEMOS, M.T.G. de. *A Língua que me falta: uma análise dos estudos em Aquisição de Linguagem*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos de Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, 1994.

LORANDI, A. et al. Aquisição da Linguagem. *Revista Verba Volant*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2011.

NOVAES PINTO, Rosana. *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. 1999. 271 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. Trad. Valdemir Miotello. 2 ed. – São Paulo: Contexto, 2012.

ROBINS, R. H. *Pequena história da lingüística*. Trad. Martins Monteiro de Barros. Rio de Janeiro-RJ: Ao Livro Técnico, 1983.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à (bio)lingüística: linguagem e mente*. São Paulo: Contexto, 2010.

QUADROS, R. *Teorias De Aquisição Da Linguagem*. Porto Alegre: EdUFRG, 2008.

SCARPA, Ester Mirian. *Aquisição de Linguagem*. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à lingüística*. 5 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006, domínios e fronteiras.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Não fecha a porta, tá? Tranquilo? (Oficial). Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=hPYf951wQ1M&list=UU5plBLsekBX9bQd_EZWYXfw&index=12> Acesso em: 05 dez. 2012>